

A Importância da obra de Florestan Fernandes para as Ciências Sociais⁶

Maria Arminda do Nascimento Arruda⁷

Quero agradecer muitíssimo esse convite para participar dessa Semana sobre Estado, Gestão Pública e Sociedade em meio à crise. Aliás, um ótimo tema! Quero agradecer ao Centro Acadêmico Herbert de Souza pelo convite para falar sobre Florestan Fernandes nesse momento de celebração dos 100 anos de nascimento deste sociólogo, o mais importante sociólogo brasileiro. Um sociólogo que tem uma vasta obra e que desenvolveu uma reflexão em vários campos e, ao mesmo tempo, teve um papel altamente relevante na vida pública.

Não é de se surpreender a vasta fortuna crítica a respeito da trajetória e da obra de Florestan, que nasceu em 1920 e faleceu em 1995. E muito menos o volume de intérpretes que se debruçaram sobre os mais diversos ângulos do seu legado, bem como o aparecimento de novas gerações de pesquisadores dedicados a analisar sua produção sociológica. O interessante aqui é chamar a atenção, não só para o fato de que há uma vasta fortuna crítica sobre a obra de Florestan, mas que estas publicações recobrem gerações diferentes.

⁶ O artigo foi transcrito a partir da fala original na XV Semana de Gestão de Políticas da USP, ocorrida de forma virtual em outubro de 2020. O texto preservou a oralidade da apresentação, apenas com pequenas adaptações. A versão original pode ser consultada na página oficial do Centro Acadêmico Herbert de Souza: https://www.youtube.com/channel/UCM2g7JGjdr-30tE5BVcw_Pw/videos

⁷ Professora Titular de Sociologia da Universidade de São Paulo. Ganhou prêmio Jabuti em 2002 com a obra *Metrópole e Cultura*.

Eu diria que estou na geração do meio. Na interpretação da obra de Florestan, possivelmente, eu tenha sido a primeira pessoa a fazer uma análise sistemática do seu conjunto no projeto História das Ciências Sociais no Brasil, no qual participei, coordenado pelo sociólogo Sérgio Miceli⁸, e que se desenvolveu a partir de meados dos anos 1980 até o início dos anos 90. Neste projeto, uma das pesquisas que realizei foi sobre a formação das Ciências Sociais na USP. E não foi fácil, porque levei um pouco de susto quando as Ciências Sociais uspianas me foram demandadas como pesquisadora, porque era ao mesmo tempo lidar com a tradição na qual fui formada e com a figura central da constituição no campo da sociologia, não só das Ciências Sociais uspianas, que era Florestan Fernandes. É muito difícil a gente escrutinar deuses. Naquele momento já tinha uma fortuna crítica sobre a obra de Florestan Fernandes. O Florestan é um sociólogo muito denso, ele não é um sociólogo de fácil acesso. Engana-se quem pensa isso.

Desde meados dos anos 1980 comecei a ler e a pensar sistematicamente sobre as Ciências Sociais uspianas, mas, sobretudo, sobre Florestan Fernandes. E por que razão? Aqui sigo aquela máxima de Pierre Bourdieu que tem uma frase que serve de mote: "se você quiser entender a vida intelectual francesa do pós Segunda Guerra, e não tratar de Jean Paul Sartre, você não entendeu nada". Então, tratar das Ciências Sociais uspianas, mas também no Brasil, sem tratar do Florestan seria um estudo à

⁸ A professora contribuiu com o texto "A sociologia Acadêmica no Brasil: Florestan Fernandes e a Escola Paulista" no livro organizado pelo professor Sérgio Miceli: "História das Ciências Sociais no Brasil 1ªed.São Paulo: Vértice, 1995.

meio caminho, não daria para entender muito bem. E por que essas diferentes gerações? Essa é a pergunta, e agora tem toda uma nova geração pesquisando as obras de Florestan. As interpretações são várias, elas compreendem um arco de estudos que problematizam o caráter singular do seu pensamento, acentuando, por vezes, a densa contribuição analítica da sua reflexão, bem como a originalidade da sua interpretação sobre a constituição da sociedade moderna no Brasil. Abordam ainda sua capacidade de explicar as iniquidades persistentes na nossa sociedade, vertente que, comumente, ressalta a dimensão política e engajada da sua obra, a qual se agrega o tratamento da sua condição de intelectual público, frequentemente associada à sua biografia.

Motivos distintos podem ser atribuídos ao crescimento do interesse pelos trabalhos do Florestan. Em publicação recente chamei a atenção para o fato de a alentada fortuna crítica a respeito das diversas dimensões da sua trajetória emanaram, naturalmente, de perguntas derivadas do tempo presente. Em outro texto, sublinhei que, embora não de forma exclusiva, mas de diferentes maneiras, essas leituras tendem a acentuar o chamado caráter militante da sua sociologia, vertente especialmente destacada em contextos de afirmação de tendências políticas ou de disputas incertas de arrefecimento das bandeiras progressistas e de perda de legitimidade das causas democráticas. Naturalmente, há uma pletora de razões a explicar essas análises, manifestas no caráter incomum da sua biografia. Florestan vem das franjas inferiores das camadas populares, no carisma que o

acompanhou, especialmente nas décadas anteriores ao seu falecimento, quando ele passou a ter uma atuação política institucional como deputado do PT, bem como na sua resistência firme e intolerante a todas as formas de desigualdades e de contextos antidemocráticos.

É interessante perceber que o chamado traço militante do intelectual público e politicamente engajado, o socialista e devotado às causas do que denominou de "os de baixo", embora pareça muitas vezes como a forma mais difundida das interpretações, nunca obscureceu os estudos que pensaram a sua contribuição e a envergadura analítica da sua obra e a sua contribuição, sobretudo no entendimento da modernização no Brasil.

É nesse cenário que eu penso que as suas posições críticas resultam do modo como Florestan construiu o seu problema analítico da demarcação de um lugar inusual para interpretar a sociedade brasileira, qual seja, o das camadas populares e aqueles que foram deserdados da modernização, presentes nos seus estudos sobre índios, negros, classes subalternas e trabalhadores. Em suma, eu creio que a dimensão radical de Florestan não se apreende satisfatoriamente quando se tem como ponto de partida e de chegada a denominada sociologia militante, mas antes, quando se pode revelar, por via da pesquisa e interpretação, que a sua crítica é parte integrante da estrutura interna da sua obra. Para usar uma expressão de Antonio Candido quando ele está tratando da literatura diz "é preciso revelar como a sociedade é parte integrante da construção da obra literária", reside aí a minha visão. Não só originalidade e a força do pensamento de Flo-

restan mas, a partir daí, é possível elucidar as dimensões críticas, às suas reflexões e os desdobramentos políticos de sua obra, que levam à afirmação do papel público dos intelectuais, sem empalidecer, todavia, a envergadura analítica dos seus trabalhos.

Pensar a obra de Florestan é, parodiando o grande historiador Fernand Braudel, embora imaginem que a distância entre mim e Braudel seja absolutamente infinita, em seu livro sobre mediterrâneo na época de Filipe II, ele tem uma frase notável: começa o livro dizendo "Amei muito o mediterrâneo, talvez por ser um filho do Norte, amei tanto que me dediquei a ele muito além da minha mocidade"⁹. Eu tenho um pouco essa impressão, que me dediquei anos demais pensando a obra de Florestan e toda a sua sociologia impregnou a minha maneira de pensar sociologicamente e de pensar o Brasil e as minhas próprias pesquisas. Por isso, tenho sido mais reticente quando me convidam para falar sobre Florestan, porque nunca mais soube encontrar um ponto a partir do qual eu deveria construir as minhas exposições. E por que razão? Porque essa sociologia é uma sociologia que faz tanto parte de mim que às vezes fica difícil estabelecer essa separação. As pessoas escreveram sobre mim em um prisma de uma socióloga da modernização conservadora. Possivelmente, mesmo tratando de todos os fenômenos da cultura, da arte, da literatura etc. O livro que ganhei o prêmio Jabuti, *Metrópole e Cultura*, trata, no fundo, dos impasses da modernização brasileira no ângulo da cultura. Então, eu tenho um pouco

⁹ O livro de Fernand Braudel ao qual a professora se refere é *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico à Época de Filipe II*.

de dificuldade, por vezes, de expor sobre Florestan. O que quero dizer, em termos mais explícitos, é que o problema da obra de Florestan, a problemática que o acompanha, é entender a modernização capitalista, dependente, e combinada ao regime político autocrático. E autocracia não é autoritarismo, autocracia é relação privatista com o poder, e muitas vezes antidemocrático e altamente injusto do ponto de vista social.

Essa visão, que desenvolvi nos meus trabalhos, tento chamar a atenção para o fato de que a obra de Florestan é de tal envergadura que não dá para reduzi-lo imediatamente e dizer que é a obra de um militante. O que é de fato um militante? Às vezes dizem até que ele foi um militante solitário, mas militância é uma ação pública, uma ação social, então ninguém é militante solitariamente. Sabemos disso. Porque a política, vocês sabem melhor do que eu, é uma ação social. É uma ação da *policie*, é uma ação na sociedade. Por isso, o conjunto de reflexões que tendem a acentuar essa dimensão política imediatamente de sua obra, que chamei de cristalizar, na expressão saber militante, e que tendem a certas recorrências. Embora sejam mais evidentes em momentos de mobilização de bandeiras políticas, movidas por reivindicações avançadas, ou de combate ao retrocesso, elas têm que ser vistas frente à essas questões políticas e públicas que marcam a nossa sociedade. Há uma inerência entre a pauta pública e os trabalhos de interpretação da herança sociológica da herança de Florestan. Naturalmente, há muitas razões para isso e a despeito de todas as formas de desigualdade e de contextos antidemocráticos no qual estamos imersos, a crítica da soci-

ologia de Florestan, quando tem a militância como ponto de partida e de chegada, tende a obscurecer a envergadura interpretativa de sua obra.

Quero chamar a atenção que, nesse momento, o problema central é tratar dos dilemas de construção do Brasil moderno, dos dramas que ainda nos perseguem e se agudizam em certos momentos, a exemplo da atual conjuntura que vivemos no Brasil. Nesse registro vale a pena reproduzir dois trechos escritos por Florestan em dois prefácios construídos num momento posterior ao seu afastamento compulsório da universidade pela ditadura, na fase em que suas críticas se agudizaram. Em Circuito Fechado, que é um livro de 1976,¹⁰ em uma espécie de balanço intelectual, ele escreveu e eu cito: "O sociólogo tem de aventurar-se às construções de longa duração e a vincular os resultados da investigação histórica com as descobertas da pesquisa de campo". Isso em 1976. Explicitamente, o que Florestan está dizendo, que ele concebe o *métier* do sociólogo num entrecruzamento entre pesquisa e interpretação abrangente, entendida como um dever, independentemente das condições políticas.

Em A Revolução Burguesa, um livro de 1975, publicado um ano antes de Circuito Fechado, ele fala "É preciso que o leitor entenda que não projetava fazer obra de 'sociologia acadêmica',

¹⁰ Circuito fechado é um livro de Florestan que reúne seus textos escritos entre 1966 e 1976 enquanto esteve afastado da USP pelo AI-5. Esse e os outros textos de Florestan citados pela professora, além de tantos outros materiais sobre o sociólogo e sua produção podem ser acessados no seguinte dossiê: <https://marxismo21.org/florestan-fernandes-100-anos/>

ao contrário, pretendia, na linguagem mais simples possível, resumir as principais linhas da evolução do capitalismo e das sociedades de classe do Brasil. Trata-se de um ensaio livre que não poderia escrever se não fosse sociólogo, mas que põe em primeiro plano as frustrações e esperanças de um socialista militante". Essas passagens elucidam concepções de Florestan sobre o conhecimento sociológico, ou seja, longe de ser neutro, o domínio pressupõe pesquisa e saber especializado.

Na mesma época, escrevendo sobre a universidade na América Latina, chamou atenção para a necessidade da pesquisa inovadora, e vou citá-lo novamente "poucas são as escolas entre as melhores da América Latina nas quais o eixo exclusivo e absorvente da vida intelectual dos universitários gira em torno de suas ocupações docentes de pesquisa e de criação original." Percebe-se, nessas afirmações, que nos textos mais diretamente presos à intervenção, Florestan afirma sua decisão às regras da pesquisa e produção do conhecimento. Em A Revolução Burguesa ele diz que "pretendia o uso do condicional já delimita o afastamento entre universo da intenção e da realização." Quer dizer, não poderia escrever se não fosse sociólogo. As outras afirmações vão derivar da primeira e isso atesta a simbiose na sociologia de Florestan entre o saber, a produção do conhecimento, os valores introjetados, cuja relação é de mútua inerência, o que significa admitir que não se pode privilegiar nenhuma das dimensões no tratamento da obra. Não menos importante é o reconhecimento do ensaio, que ele chama ensaio de interpretação sociológica na

Revolução Burguesa. O livro representa um franco recuo de Florestan em relação ao gênero ensaio que ele dizia que era pré-científico e ao mesmo tempo a forma de expressão do estamento nos anos 50. Ele falava que a ciência exige método, pesquisa e exposição adequada para produzir conhecimento, que são requisitos opostos ao ensaísmo que, na sua concepção, era uma concepção pré-científica.

A incorporação do ensaio atesta essa espécie de superação das concepções de Florestan sobre o gênero ensaístico, ao mesmo tempo que expõe a relação necessária entre o cientista social, imerso nos problemas da sua sociedade, e a reflexão sociológica de amplo escopo. É o que ele faz em *A Revolução Burguesa*, que começa com a Independência e vai até 1975, quando o livro fecha. Nesse andamento, é importante destacar os momentos do percurso, a rejeição ao ensaio e as atitudes de afirmação aos princípios universais da ciência que caracterizam uma fase na qual Florestan construía uma obra segundo modelos disciplinares correntes nos centros hegemônicos das Ciências Sociais. E ele faz um esforço metodológico, dizendo que, nós que estamos na periferia, temos condições privilegiadas para pôr em questão as teorias consagradas, porque nós somos um tipo desviante. E as teorias consagradas foram concebidas em contextos diferentes.

Tratar da modernização do Brasil criou a percepção da dificuldade da aplicação desses procedimentos em contexto como o brasileiro. Também, a discrepância entre os critérios abstratos da ciência frente a uma realidade divergente das orientações originais, questionando o próprio modelo. A reflexão de Florestan,

especialmente, distingue-se por ser uma espécie de meta-Sociologia, uma vez que combina análises e tratamento dos instrumentos da construção interpretativa. Deriva daí um conjunto de trabalhos sobre teoria e método, manifestações particulares da sua perspectiva crítica.

Nesse conjunto, os impasses de realização da sociedade moderna no Brasil propiciaram a emergência de divisões críticas e céticas a respeito da nossa modernidade. Porém, em Florestan, essas concepções são levadas ao limite. Aprofundando o caráter da sua Sociologia enquanto disciplina interpretativa da consciência social e reatualizando as formulações clássicas de origem.

Penso, então, que a obra de Florestan, pelo menos desde *A Revolução Burguesa*, exprimiu um aprofundamento da crítica em decorrência da história brasileira naqueles anos e no modo como o regime autoritário o atingiu e o afastou da vida acadêmica. Mas em *A Integração dos Negros na Sociedade de Classes*, livro que analisei mais detidamente no último artigo, que ainda não saiu publicado, tem uma visão cautelosa, mas tem ainda uma aposta na sociedade moderna no Brasil.

O lugar a partir do qual ele tratou da modernização brasileira, que eu disse que é parte integrante da sua trajetória, passou a compor o problema de análise e construir os pilares da interpretação e a responder pela envergadura da Ciência Social que produziu. É dessa forma que ele pode explicar a modernização conservadora instaurada pelo regime pós-1964, reformulando visões correntes sobre o Brasil. O seu empreendimento sociológico reproduziu os rumos e os impasses da história brasileira ao longo do século XX. É nesse contexto que é possível entender

como seu percurso refletiu a experiência do país no curso da modernização, bem como estruturou a sua obra e formou a sua visão sobre os impasses e limites da modernização brasileira. Os estudos de Florestan, aos quais já me referi, sobre as relações raciais, expuseram a raiz do chamado racismo estrutural, uma vez que explicam os fundamentos do preconceito e, no caso brasileiro, a sua relação intrínseca com a estratificação de classes, as formas arrevesadas da modernização, o caráter privatista da ordem social competitiva, a estrutura autocrática do exercício do poder que resultaram na profundidade da desigualdade social no Brasil.

Nesse sentido, a obra de Florestan revela inequívoca atualidade, o que já seria motivo de retorno aos escritos desse que foi o mais destacado sociólogo brasileiro. Além disso, Florestan foi intelectual público, de cariz excepcional, além de ter empunhado bandeiras civilizatórias, como nos anos 50, a da campanha na defesa da escola pública, mesmo após seu afastamento compulsório da universidade, do retorno do exterior, não deixou de atuar contra todas as manifestações antidemocráticas, tampouco ignorou compromissos político partidários como era o caso da sua filiação ao PT e o fato de que ele atuou ativamente na Assembleia Constituinte em defesa de bandeiras democráticas.

Por todos esses motivos, Florestan ocupou o lugar do intelectual público, daquele defensor das causas mais genuínas e que se lastreavam no domínio do conhecimento, se lastreavam nas pesquisas. Nesse diapasão, o sociólogo serviu de modelo para os

intelectuais da universidade, hoje muito acanhados na cena pública. A universidade hoje é uma imensa instituição que segue regras que dominam a vida universitária exteriores à construção do saber científico e, ao mesmo tempo, isso produz um acanhamento dos cientistas e intelectuais frente à cena pública. Quer dizer, as universidades, como organismos administrativos, limitados por compromissos muitas vezes externos aos nossos muros, tem feito da vida dos acadêmicos um conjunto de ações para seguir regras externas a ela. A sua adesão à ciência, no caso de Florestan, se realizou numa conjuntura na qual os intelectuais eram instados a se tornarem atores públicos.

Interessante recuperar suas palavras, e aí vou terminando: "O problema é da objetividade, o conhecimento precisa ser um conhecimento verificável, objetivo, que outros investigadores possam controlar. Neutralidade no sentido da indiferença, do cada um que faça o que achar melhor, isso já seria admitir que o intelectual vai além do mandarim. Livre para desfrutar todos os benefícios sem precisar dizer à sociedade a que vem. Em suma, ele teria o privilégio de fazer parte de um jogo, e é puro privilégio, cujas regras ele próprio determinaria o que o excluiria da comunidade com outros seres humanos responsáveis da mesma sociedade. De fato, nenhum intelectual é neutro, portanto, a suposta neutralidade não é neutra, pois ela envolve a utilização do intelectual nos piores fins."

Às vezes, vejo uma tendência na universidade de as pessoas se imaginarem como se aquilo fosse o mundo delas, que elas determinassem todas as regras e não precisassem prestar contas a ninguém. E que isso é assumido muitas vezes como uma posição

crítica à esquerda. É preciso saber o que é defesa da autonomia e ao mesmo tempo o caráter público que fazemos. Dos nossos compromissos públicos. No momento em que o intelectual acadêmico perdeu a sua aura, digo eu, submetido a regras internas e externas à instituição, reler Florestan, não deixa de ser uma maneira de repensar o sentido da nossa atividade. Talvez, resida exatamente aí, um dos motivos da atração por ele exercida. No entanto, a obra de Florestan Fernandes reproduz uma imagem nublada do nosso futuro, pois elucida e traz à tona os desvios regressivos do país, uma vez que amplia a análise dos descompassos do nosso processo de formação, da nossa condição intelectual e descortinando novos horizontes interpretativos. Muito obrigada.